

MARÉ VIVA

Director Interino: NUNO BARBOSA

SEMANÁRIO

ANO VI N.º 329 — PREÇO 12\$50 — 3/3/83

FINALMENTE!

Trabalhadoras da Lopes da Cruz receberam seis meses de salários

— PÁGINA 8



A ESPERA ACABOU ?

Instituto Português do Património Cultural "avisa" :

S. Pedro pode não ser demolido...

— PÁGINA 5

ASSEMBLEIA MUNICIPAL :

Em noite de segunda-feira, nem se entrou na «Ordem de Trabalhos»...

— PÁGINA 5

Zita Seabra em Conferência de Imprensa :

«Tentaremos aumentar o número de deputados»

Na passada sexta-feira, uma delegação parlamentar do Partido Comunista Português, visitou o concelho de Espinho. A delegação era composta por Zita Seabra, candidata por Aveiro, às próximas eleições de 25 de Abril, acompanhada por Manuel Matos, deputado por Aveiro, que substituiu Vital Moreira, depois deste ter sido eleito para o Tribunal Constitucional, Alfredo Casal Ribeiro, vereador da APU, na Câmara, António Teixeira Lopes, deputado municipal, e Mário Gandra, da Comissão Política distrital.

— PÁGINA 4

A propósito da «Linha Directa»

Ter opiniões é qualquer coisa que nos está na massa do sangue. Por isso, perante uma situação, formamos um juízo, discutimo-lo com os amigos, tomamos partido...

Às vezes, porém, o apelo confortável de um par de pantufas ou de uma sessão da pacata mediocridade televisiva leva-nos a abdicar, a optar por estar calados, a atirar a nossa opinião irremediavelmente às urtigas.

Vem isto a propósito da anunciada «Linha Directa» em que o «Maré-Viva» oferecia aos seus leitores um espaço, a possibilidade de exprimir o seu ponto de vista. E se o telefone se manteve quase silencioso, se a opinião se manteve afofada na cabeça dos seus (legítimos) proprietários à espera de uma hipotética oportunidade talvez mais eficaz, queremos acreditar que tal foi devido ao ancestral comodismo de uma comunidade que, contraditoriamente, se esquece de se afirmar. Porque triste seria se isso das opiniões tivesse pura e simplesmente acabado.

Depois, que não nos acusem de fechar as portas...

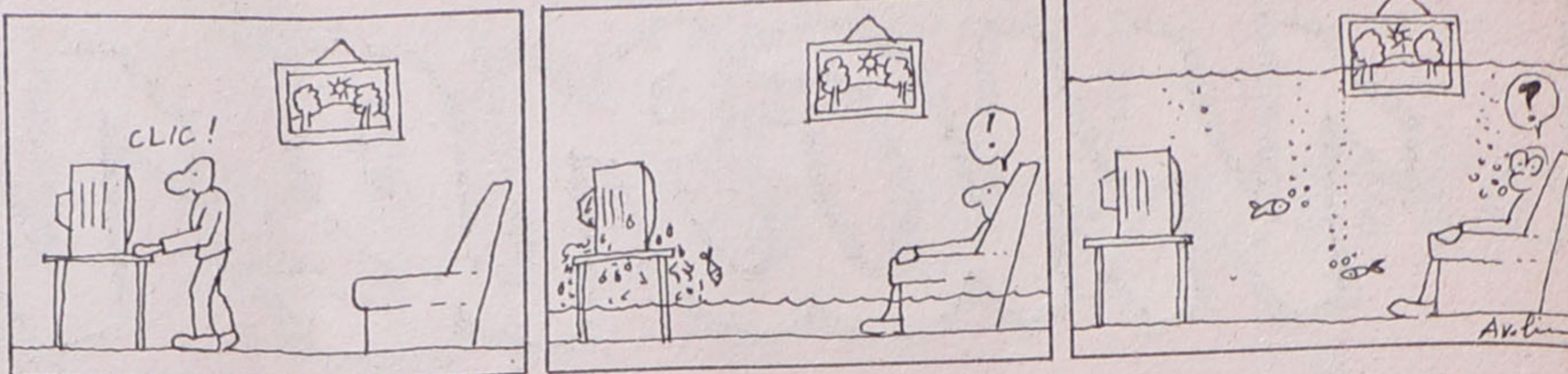
Presidente da J. F. de Anta ao "Maré Viva"

«Alargamento do Cemitério, nova Sede da Junta e instalações desportivas são problemas principais»

— PÁGINA 5

BANDA DESENHADA

Colaboração do
Atelier de Animação da Nascente



TUCÁTULÁ

Conforme é fácil de ver, acabou o «Tototeste»! Como dizemos nesta página, foram vinte semanas em que procurámos exercitar a cultura geral dos nossos leitores. Agora, «c'est fini!». Porém novas soluções vão ser postas em prática para ocupar os tempos livres de quem nos lê — um espaço de crítica radiofónica, banda desenhada e novos concursos ocuparão esta página 2, que não é por acaso que se chama «Vária»...

Neste número também pedimos desculpa aos leitores amantes das coisas desportivas pela ausência do «Suplemento

Desportivo», companhia habitual no primeiro número de cada mês. Desta vez, por dificuldades de tempo, só para a semana o «SD» estará convosco. Mas verão que valeu a pena esperar! Dele salientamos, desde já uma momentosa entrevista com Rolando de Sousa, actual vereador do Pelouro Desportivo, entre outros assuntos de interesse...

Dos temas presentes nesta edição salientamos os relatos da Reunião da Câmara e da Assembleia Municipal e o depoimento do Presidente da Junta de Freguesia de Anta, isto no capítulo «Poder Local». A Fábrica Lopes da Cruz e os seus

problemas merecem-nos um trabalho alargado, que recomendamos seja «cuidadosamente» lido!

A terminar, destaque para a reportagem da visita que uma delegação do PCP fez a Espinho, com chamada especial de atenção para a cobertura da Conferência de Imprensa, feita no final dessa visita.

E por hoje, é tudo. Lembremos, mais uma vez, que todas as quartas-feiras, entre as onze e a uma da tarde no programa Norte/83, na Rádio Porto, o «Maré Viva» está presente com os títulos principais da edição que sai no dia seguinte.

TOTOTESTE ACABOU

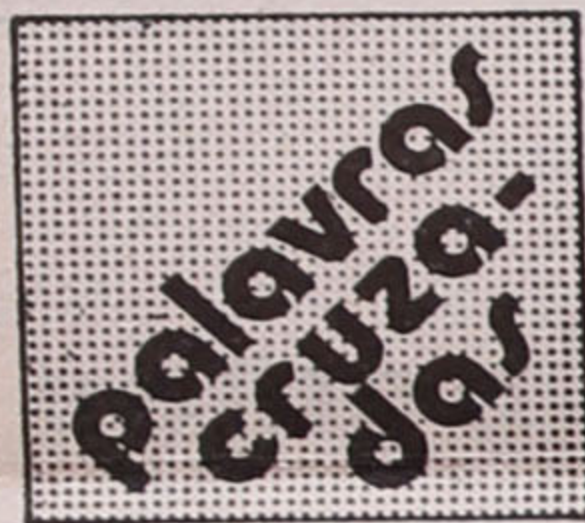
Após vinte semanas consecutivas de Tototeste, o que equivale a 260 perguntas postas aos nossos leitores durante esse espaço de tempo, e à atribuição de dez prémios aos leitores que maior capacidade de resposta demonstraram no decorrer do Concurso, pensamos ser altura de terminar com esse espaço, semanalmente presente na página 2. Página que continuará a ser, tal como o nome indica, variada, para o que criaremos novos temas para ocupar o espaço do «Tototeste».

Entretanto prometemos que iremos pensar

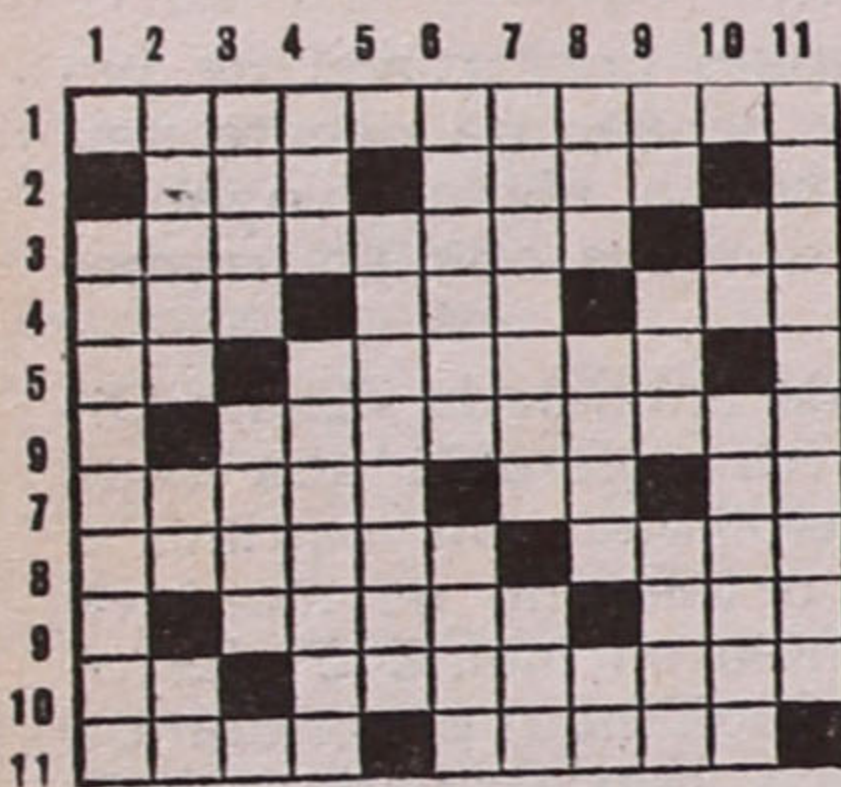
num novo concurso, talvez mais aliciante do que o que agora findou, e que, em princípio, permita respostas mais simples aos nossos leitores. O futuro dirá!

No que respeita ao vencedor desta quinta e última série do Tototeste, contamos publicar o seu nome no próximo número do «Maré Viva».

A todos os leitores que, persistentemente, semana após semana, nos foram enviando postais de resposta, aqui fica o nosso agradecimento, e a nossa esperança de que voltem a concorrer em futuros concursos.



N.º 7



HORIZONTAIS

1 — Depois de 25 de Abril vem aí uma nova. 2 — Encontrar o valor deste é resolver o problema; dele se faz um licor gostoso. 3 — Também há este Direito; albite. 4 — Nesta folha se escrevia; vai com ela a Maria como o lé com o cré; Deus é-o de nós todos. 5 — Contraction; depois de 24 de Agosto não as coma porque o Diabo defecou nelas. 6 — É mesmo basofiar. 7 — Se o não fizer à máquina ela embota; com dois a era era leilão; a madastra da Branca de Neve era-o. 8 — O futebolista tem que as cumprir ou o árbitro cai-lhe em cima; escavar. 9 — Portugal teve um período assim na época dos descobrimentos; quem é que não conhece o dos Santos. 10 — Preposição; o S. Pedro tem tido a dos Céus fechada. 11 — Fá-lo o poeta; fá-lo o agente de trânsito quando você infringe o Código das Estradas.

VERTICAIS

1 — Para ganhar o prémio do Tototeste era preciso fazê-lo. 2 — Deixa de fumar quem o faz ao último suspiro; quem não o faz olha para um comboio; uma de sete. 3 — Lembram-se da Lolobrigida?; morre esta quando o ninho está feito. 4 — Este iguala; é agrodável a bolacha desta. 5 — A letra grega vem depois do Fernando do «Rio Triste». 6 — Para resolver estes problemas basta ter umas noções superficiais destas; falta-lhe fim para ser anjo. 7 — Quando estas descem os marinheiros sentem-se felizes; esta mora no Palácio de Vidro. 8 — O Sam é da América; foi para a tropa porque assim o consideraram na inspecção militar; este filho do Spielberg é feio mas é um encanto. 9 — Quintas vogais; esta é grega; aconteceu ao Balsemão. 10 — Você há de acabar por decorar este rio costeiro da França; Diz-se que o faz o barco quando atraca. 11 — Esta é à vontade do freguês.

Soluções do problema n.º 6

HORIZONTAIS — 1 — Clarinete. 2 — Rá, in, filme. 3 — Omar, Lear. 4 — Rebater, fia. 5 — Tirolesa. 6 — Anta. Afunde. 7 — Zoo, exultou. 8 — UI, Fiat, ect. 9 — Lôba, rás ai. 10 — Agenda eu. 11 — Assimetria.

VERTICAIS — 1 — Crer, Azula. 2 — Lá, etnóloga. 3 — Óbito, bes. 4 — Rimara, fans. 5 — Inato, ei, di. 6 — Relaxaram. 7 — Ef, Refuta. 8 — Til, sul, Set. 9 — Elefante, Ur. 10 — MAI, doca. 11 — Terapêutica.

CINECLUBE NASCENTE

6.ª FEIRA, 11 DE MARÇO
AS 21,30 H. NO AUDITÓRIO

O BARBA-AZUL

(MONSIEUR VERDOUX)
de CHARLES CHAPLIN

maré viva

SEMANÁRIO

Director Interino: NUNO BARBOSA

CHEFE DE REDACÇÃO — Jorge Lopo
REDACTORES — António Afonso, João Barrosa, Manuel Fonseca e A. Moreira da Costa
REPORTAGEM FOTOGRAFICA — Joaquim Santos, Joaquim Peito e Idalina Pedrosa
COLABORADORES — Carlos P. Morais e Atelier de Animação da Nascente
PAGINAÇÃO — Augusto Mota, João Barrosa, Manuel Fonseca e Victor Sousa
CORRESPONDENTES — Antero Monteiro (S. P. de Oleiros), Antenor Pereira (Silvalde), António Pinto (Moselos), Henrique Ribeiro (Fiaes), Joaquim Devesas (S. F. da Marinha) e Manuel Santos (Guetim)
Propriedade da Nascente — Coop. de Acção Cultural — Redacção: Rua 62. 251 - Telef. 721621
Composição e impressão: Tipografia Meneses — Cooperativa Gráfica de Espinho, S. C. R. L.
Rua 14 n.º 903 — Telef. 721016
Tiragem deste número: 2.000 exemplares

RASCUNHOS

Como os castelos da Escócia, a nossa memória está cheia de fantasmas. Fantasmas que de repente recordamos ao mais ligeiro chispar das meninges. Como me sucedeu ao ler, na «Balada da Praia dos Cães», estas palavras em que o Cardoso Pires desenha o retrato físico do Elias Santana, salientando «a unha do dedo mínimo que é crescida e envernizada, unha de guitarrista ou de mágico vidente».

Nos meados dos anos quarenta, já o ano lectivo ia crescendo, surgiu no meu Colégio um tipo novo. Alto, vestido de escuro, olhos miúdos do estudo do latinório, costas abauladas das carteiras do seminário, ar entre o desconfiado e o manhoso, um bigode comprido, de pontas bem aguçadas. E, no dedo mínimo da mão direita, uma unha enorme, maior que o próprio dedo. A tal unha que hoje me vem recordar um espectro da minha juventude envolto na neblina do passado.

De bom feitio, camarada e de espírito sagaz, em pouco tempo era uma figura popular no meio de toda a maralha. E, como viera do seminário, ficou conhecido, urbi-et-orbi, como o Padre António. Foram muitas as tentativas para lhe podar o bigode e não menos as ameaças de tesourar-lhe a unha. Sempre goradas porque ele tinha especial amor a estes apêndices e reagia furiosamente, pior que estragado.

Inteligente e trabalhador, em

dois anos fez todo o liceu e a admissão a Direito. Num dos primeiros dias da minha segunda (e também gorada) época coimbrã, estava eu à porta do Pirata quando lobriguei a figura inconfundível do Padre António. Ia matricular-se. Dois dedos de conversa e mandei-o seguir caminho, combinando que ficaria ali à espera dele. Espera inútil, tanto para mim como para uns mánfios que o interpelam ao varar a Porta Férrea e ficaram a aguardar que ele sáísse da Secretaria, já caloiro, para lhe darem o tratamento adequado. É que o Padre António, apavorado por este primeiro embate com a praxe, e temeroso do que pudesse vir a ser a sua vida académica, já não entrou na Secretaria. Antes atravessou todo o pátio da Universidade, desceu as escadas de Minerva e foi matricular-se em Lisboa, onde não havia praxe nem tipos que lhe massacrassem a mona.

Foi a última vez que vi o Padre António. Soube posteriormente que acabara por entrar no círculo infernal do álcool. Aboletara-se num quarto andar perto do Rossio e quase diariamente subia os degraus a gatas. Depois parece que assentou arraiais numa qualquer repartição pública lisboeta e que estava de casa e pucarinho com uma qualquer manceba. Assim entrou o Padre António na minha colecção de espectros e só hoje de lá sai por causa da unha do Covas da Judite.

FONSECA TECIDOS MODAS

Rua 19 n.º 275 - Tel. 720413
ESPINHO

RUA 33

Um perigo para os peões

Numa das artérias de acesso, das mais movimentadas, na nossa cidade, assiste-se a uma situação pouco des preocupante para quantos transitam nela, a pé. Não diremos que essa rua seja totalmente desprovida de passeios, mas também não andaremos muito longe desse facto. Falamos da rua 33 e do estado em que se encontram os seus passeios que, pela sua de-

gradação, quase obrigam a que os peões escolham a berma da estrada para mais facilmente se deslocarem. Quase certos estaremos, que isto se verifica quando chove e os caminhos de terra batida que ladeiam a estrada se transformam em autênticos lamaçais.

Sendo esta uma rua onde os automobilistas, e muitos são, transitam por vezes a altas ve-

locidades, julgamos que se justificaria plenamente o arranjo de tais passeios. Mas, e como falamos na rua 33, aproveitamos a deixa para chamar a atenção do facto da não existência de uma placa de sinalização a anunciar a proximidade de escolas bem como a falta de uma passeadeira no mesmo local, já que ali existe, funcionando como escola, o ex-colégio N.º S.º da Conceição.

Nos registos da Polícia

Depois de uma semana rica em assaltos a instituições públicas, entramos agora numa outra também ela produtiva em roubos e detenções, o que poderá querer dizer que em tempo de crise o alheio torna-se mais cobinado.

Assim, no dia 19 do corrente foi preso Manuel Jesus Almeida, residente em Sales que, com outro ainda não devidamente identificado, furtou na rua 31 a motorizada de José Manuel Gomes Correia. O motivo da sua detenção esteve num acidente, em que estiveram na sua origem, no cruzamento das ruas 20 e 27, causando danos no valor de 70.000\$00 na viatura de António Monteiro Coe-

lho Martins e de 12.000\$00 na moto.

Por outro lado, Francisco Gomes Domingues queixou-se por, no dia 21, lhe terem furtado no salão de jogos do Café Moderno uma pasta com documentos e 700\$00 em dinheiro. Também no mesmo dia, Joaquim Moreira de Castro queixou-se por lhe terem furtado um rádio leitor de cassetes do seu automóvel estacionado na rua 21. Embora no dia seguinte, também Fernando da Rocha Alves foi vítima de roubo. O «produto» foi uma máquina de cortar azulejo que se encontrava numa obra da rua 23. Mas, no dia 23 do passado mês, a queixa veio de Mário Miranda

da Fonseca, proprietário do Café Avenida, por lhe terem furtado, deste café, tabaco e dinheiro.

No mesmo dia, foi preso, cerca das 2 horas da madrugada, Joaquim Ernesto Costa Queiroz, de Vilar do Paraíso, por ter furtado 5 copos próprios para cerveja, no valor de 630\$00, da sala do bingo do casino. Tentava ocultar os copos entre o corpo e o kispó que trazia vestido. No dia seguinte, ou seja 24, a «sorte» foi para o Carlos Alberto Leite de Almeida por ter furtado, da Sede do PSD local, uma máquina de escrever e 2 altofalantes, no valor de 12.300\$00.

Lixo acumula-se junto à praia

Num local onde poucos passam, especialmente nesta altura do ano, e bem juntinho à praia ali para os lados de Silvalde, está-se a formar uma lixeira para onde não se deita apenas o simples objecto sem utilidade doméstica. De facto e segundo o que apuramos numa conversa com uma das muitas pessoas

que por ali andam a apanhar o que os outros deitam fora, «porque aqui se encontram coisas com muito valor», são muitos os camiões que lá vão despejar o entulho de construções longínquas, o que nos leva a crer que aquele local se está a tornar conhecido de quem se quer desfazer do seu entulho.

Já aqui fizemos referência ao assunto quando ainda só era existente o lixo depositado pela fábrica Fontes depois do incêndio que deflagrou nas suas instalações. Agora julgamos a situação ainda mais preocupante ao constatararmos que esse lixo já quase não se vê, por estar totalmente tapado por outro mais recente.

AINDA A "LINHA DIRECTA"

Faltavam 2 minutos para as 23 horas quando recebemos duas chamadas: dois leitores utilizaram a linha directa que pusemos à disposição de muitos. Foram eles, Carlos Silva, de Anta, e Olindo Moutinho, de Espinho.

O primeiro levantou uma questão relacionada com o saneamento básico na Rua da Igreja, em Anta. O que acontece é que, não sendo as pessoas e os proprietários das casas obrigados a ligar os despejos à rede de saneamento público, o fazem para a rua. Fala o leitor, «quando chove ainda é como o outro, mas no verão a situação torna-se insuportável».

O segundo falou sobre o nosso jornal dizendo que «ele é sempre positivo». Mais adiantou que a propósito de dois assinantes que propôs, após a campanha de expansão, «se têm registado algumas falhas na Administração, pois até agora ainda não foram contactados...»

Valham-nos estas duas excepções...

Criança de ano e meio afogada na Ribeira de Silvalde

Chamava-se Carlos Alberto Americano e tinha só dezoito meses de idade. Morava com seus pais, António Americano e Maria da Conceição Sá, na Bicha das Sete Cabeças, e, no fim da tarde do passado sábado, escapou à vigilância da avó, para morrer na ribeira de Sil-

valde. Mais tarde o corpo da infeliz criança apareceu a boiar na Ribeira, local em que ela atravessava a zona industrial, a sul da cidade. Três dias antes um filho do casal tinha morrido, por doença, com apenas seis meses de idade.

Rancho «D'Espinho Viva» comemora 2.º aniversário

Fundado a 1 de Março de 1981, o Rancho «D'Espinho Viva» está a comemorar o seu segundo aniversário. Assim, na passada terça-feira foi celebrada a Missa de Acção de Graças pelo caminho percorrido.

Amanhã, sexta-feira, pelas 21,30, no Salão da Piscina Municipal, terá lugar uma Festa co-

memorativa da efeméride, de cujo Programa fazem parte a representação da peça de Carlos Moraes «Coroa de Rosas», inserida no Ciclo de Teatro do Inatel. Do programa fazem ainda parte números de Variedades e Folclore, a cargo de elementos do agrupamento.

BPA reúne quadros

Realizou-se no passado sábado, no Casino de Espinho, uma reunião de quadros superiores do Banco Português do Atlântico, em que foram expostos os objectivos para o ano de 1983, desta instituição de crédito, que conta com uma agência nesta cidade.

Na mesma reunião foram

oferecidos brindes aos funcionários que concluíram 25 anos de serviço nesta instituição bancária.

Num jantar de gala oferecido pela administração do BPA, com as variedades do Casino, esteve presente como convidado especial o conhecido artista Carlos do Carmo.

Agência Funerária de Espinho

DE
MARIA DE LURDES MONTEIRO DE OLIVEIRA
(DUARTE)

SERVIÇO PERMANENTE
COM SERVIÇOS PRESTADOS HÁ MAIS DE 20 ANOS.
TELEFONE A TODA A HORA 721358
Rua 11 n.º 545 — ESPINHO

RESTAURANTE PRÍNCIPE

SNACK - BAR

Rita Soares Alves & Filho, L.º

Encerra ao Domingo
R. 14 n.º 473 (âng. Rua 15)
Telef. 722247 — ESPINHO

JOSÉ OLIVEIRA

SOLICITADOR

ESCRITÓRIO:
Rua 19 n.º 401 - 1.º
Telefone 720093
ESPINHO

O Recanto

ALBERTO JOSÉ PEREIRA REIS

Mobiliário Artístico
e Decorações
Rua 12 n.º 593 — ESPINHO
Telef. 723299

A MODELAR

Telefone
723068



Rua 16 — Merc. Municipal
4500 ESPINHO

Aviamento rápido de receitas
de óculos com descontos das
Caixas de Previdência

VEIGA RIBEIRO

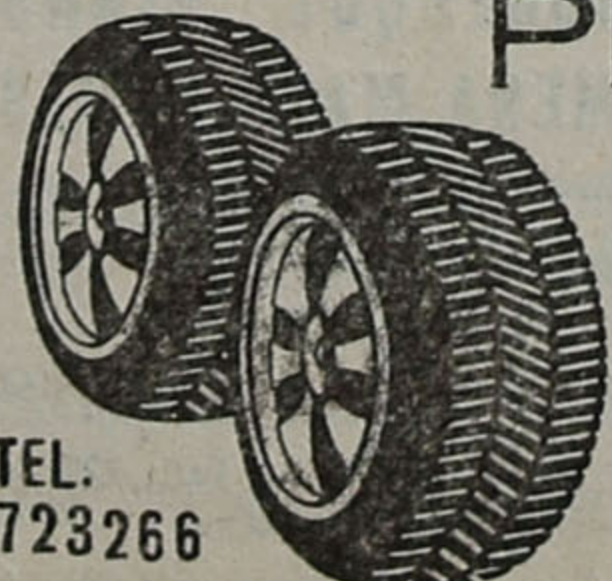
Vítima de doença incurável, faleceu em Espinho na passada semana, Manuel Alberto Veiga Ribeiro, Comandante dos B. V. de Espinho, e veredor pelo CDS da 1.ª Câmara eleita após o 25 de Abril. Entre outras actividades relacionadas com a Cidade, Veiga Ribeiro tinha anteriormente desempenhado cargos directivos na Associação Académica de Espinho e no S. C. de Espinho.

A família enlutada, apresentamos as nossas condolências.

Carlos Albuquerque Pinho

MÉDICO

Doenças do aparelho
digestivo
Endoscopia digestiva
CONSULTÓRIO
Rua 31 n.º 321
Telef. 724401 — ESPINHO



PNEUS CAR

Centro de Vendas de Pneus
Nacionais e Estrangeiros

Assistência Técnica
— Alinhamento de Direcções
— Vulcanização de Câmaras
— Equilíbrio de Rodas
R. 18 - 1010 (R. da Igreja) - ESPINHO

TEL.
723266

CICLOMOTORES DE ESPINHO

ANTÓNIO F. DE SÁ ALVES

Armazém de acessórios para qualquer marca
de motorizadas e bicicletas.

Motorizadas — Bicicletas — Acessórios

Av. 24 n.º 841 — Tel. 723800 — Apartado 107 — ESPINHO

ZITA SEABRA EM ESPINHO

«Tentaremos aumentar o número de deputados»

Dirigindo-se ao jornalista presentes Zita Seabra, começou por dizer que «esta visita ao concelho de Espinho, insere-se num programa que os deputados da APU fazem aos círculos eleitorais, por onde são eleitos. Para o Partido Comunista é importante que os seus deputados sejam porta vozes dos problemas dos seus eleitores na Assembleia da República. Não faz sentido que estes sejam escolhidos em Lisboa e passem legislaturas completas sem contactarem com os seus eleitores, como é hábito nos restantes partidos.»

Referindo-se aos contactos que tiveram no nosso concelho a deputada comunista salientou que «os problemas do nosso concelho são em tudo idênticos aos do país». No hospital, disse «há deficiências nos serviços, nomeadamente na ala mais antiga deste estabelecimento a necessitar de obras.» No que se refere ao serviço de urgência, salientou: «esta unidade deve ser equipada com um serviço permanente de pediatria e obstetria, devido ao grande número de habitantes com particular incidência em camadas jovens. Realçou também a dessincronização existente entre os serviços de saúde neste concelho, nomeadamente o hospital está sob a alçada de uma direcção central do MAS, o Centro de Saúde está sob a orientação de outra e assim por diante. O exemplo de Espinho é idêntico ao que se passa no resto do país. O MAS está apenas interessado em pôr em prática uma política de taxas sobre os serviços de saúde, em vez de planejar e organizar os mesmos serviços.»

QUEM PAGA AS TAXAS É QUEM MENOS TEM

A propósito esta delegação contactou com uma senhora, mãe de 9 filhos, seis dos quais a necessitarem de uma consulta. Com um filho de tenra idade, e estrábico, nos braços, fazia eco do seu desespero referindo que teve de pagar as taxas sobre as consultas e posteriormente teve de pagar mais a taxa de vida por dezasseis receitas médicas. Dizemos nós que os medicamentos deveriam ser de borla para esta senhora, que é operária numa unidade industrial deste concelho.

Esta delegação teve contactos com operários da Fontes, empresa têxtil de grande vulto no nosso concelho. Refira-se a pro-

pósito que esta empresa pertence a um sector que vive uma crise e que mereceu desta delegação a atenção devida. No sector do ensino coube ao Ciclo Preparatório a escolha. Em resposta a uma pergunta de um jornalista, respondeu Zita Seabra: «é o local por onde passam os filhos de toda a gente. É nesta escola onde se preparam os homens do futuro, daí a nossa escolha». Nesta escola a delegação teve contacto com o conselho directivo, onde se inteirou dos problemas que de momento se colocam a esta escola. Inevitavelmente, o problema da prorrogação da concessão da zona de jogo mereceu dos jornalistas presentes a necessária atenção. Em resposta Casal Ribeiro referiu que «em tempo oportuno os comunistas tomaram posição sobre o problema». No entanto, Zita Seabra sublinhou que «Portugal não deve ser transformado em Miami. O jogo traz consigo a degradação moral das populações. Fomos contra a criação da zona de jogo em Troia, porque pensamos que não é desta forma que o desenvolvimento do país se efectua. Por outro lado, nas zonas onde está implantado as autarquias devem receber uma parte considerável dos lucros de tal actividade, para o seu desenvolvimento». Para Casal Ribeiro, «a filosofia política da SET é orientada no sentido de retirar do jogo os fundos necessários quanto possíveis para os impostos pagos por este meio suprirem em parte os défices do orçamento do estado. A proliferação de formas de jogo por todo o país demonstra».

A CÂMARA RECEBEU A DELEGAÇÃO COMUNISTA

A edilidade local, interrompeu a sua reunião semanal privada para receber a delegação comunista, com quem teve uma troca de impressões sobre os problemas mais candentes do concelho.

A uma pergunta de um jornalista se esta era uma iniciativa de campanha eleitoral e em caso afirmativo esta iniciativa iria substituir os comícios e manifestações da APU, Zita Seabra respondeu: «esta iniciativa fará também parte da nossa campanha eleitoral, uma vez que o acesso aos órgãos de comunicação social, nomeadamente a rádio e TV, nos fecham as portas. Em todos os noticiários se ouve que «os notáveis» ou

os ilustres de PSD e do CDS estão, ou foram e não sei que mais, ninguém sabe o que nós fazemos e dizemos, daí que esta forma de contacto com as populações esteja inserida na próxima campanha eleitoral». Outra questão colocada à delegação comunista pelos representantes da imprensa foi se a APU continuaria estagnada na sua votação e qual a política de alianças pós-eleições. A este propósito referiria Zita Seabra que «logo após as últimas eleições em declarações na AR, o deputado Vitor Crespo referia que o PSD era o maior partido português, esta interpelou-o se o seu parceiro de coligação teria baixado a sua expressão eleitoral, isto é, o CDS teria apenas 10% do eleitorado. Uma troca de declarações entre os parceiros da AD se levantou de imediato. Era já o fim da AD».

Outra questão levantada sobre as declarações de Tengarrinha e de que a imprensa fez eco, relativa à participação da APU num governo de coligação com o PS e elementos dum sector do PSD, Zita Seabra respondeu «tais declarações já foram desmentidas pelo MDP. Por nossa parte tentaremos aumentar o número de deputados para evitar alianças do PS com a direita».

Por fim, respondendo a uma pergunta se as leis de defesa da maternidade, legalização do aborto e planeamento familiar, seriam levadas à nova Assembleia, a deputada comunista referiu de forma inteligente e clara, de maneira a não deixar dúvidas a todos quantos lhe chamam «a mãe» do aborto, que «as primeiras propostas de lei a ser apresentadas à Assembleia seriam essas, uma vez que tudo indica que a nova maioria que sairá destas eleições a deverá aprovar. Na Europa apenas Portugal e a Irlanda não dispõem desta legislação, e se não nos apressarmos corremos o risco de sermos os últimos. Por outro lado, e para se pôr cobro a este escândalo, refiro que em Portugal se fazem 2.000 abortos por ano, dos quais apenas 4 foram objecto de processos nos tribunais. A terminar quero lembrar que os comunistas não são favoráveis ao aborto ao contrário do que se afirma em certa imprensa. É preciso, isso sim, dotar o país de medidas para que estes não sejam feitos nas actuais condições, pondo em risco a saúde e vida das mulheres que são as vítimas deste flagelo».

Mulheres também são sapateiros

Portugal é, sem dúvida, um dos principais produtores de calçado.

Por outro lado, a quase totalidade das empresas deste ramo de actividade encontram-se instaladas no nosso Distrito.

Isto poder-nos-ia levar a concluir que somos, efectivamente, um País ou, mais concretamente, um Distrito, de «SAPATEIROS». No entanto, a realidade parece ser bem diferente.

De facto, e no caso concreto do nosso Concelho, apesar da aparente contradição, sapateiros de profissão é coisa que vai rareando. Mas, o que parece ser caso único no nosso Concelho é, sem dúvida, o de duas jovens sapateiras. Daí a nossa curiosidade em saber o porquê dessa escolha, atendendo a que consertar calçado é um trabalho feito, habitualmente, por homens.

«Fiz o 5.º ano e tentei arranjar emprego para uma fábrica, na altura não consegui. Uma vez que aqui o meu Pai — e apontou para o homem que junto dela continuava a trabalhar e cuja deficiência auditiva era bastante notória — «dispunha desta pequena oficina, sempre com bastante trabalho, comecei por ajudá-lo, gostei e fiquei. Se na altura tivesse arranjado outro tipo de trabalho, teria ido».



Mas... agora, acho que não mudaria, mesmo que me aparecesse outro emprego. Ao princípio custou-me um bocado é certo... pois por aqui não havia mulheres neste tipo de trabalho, muito embora noutras localidades algumas o fizessem — afirmou-nos a Aurélia que tem 18 anos e cujo sonho era ser professora de francês.

Por sua vez, a Conceição, que tem 24 anos e que gostaria de ter estudado medicina, disse-nos o seguinte: «Estou aqui a trabalhar, mas antes trabalhava no comércio, trabalho que aliás, tenho de confessar me agrada muito mais. Portanto, vim para cá por necessidade e continuo cá pela mesma razão. Por exemplo, durante o Verão, trabalho no Turismo... mas como durante o resto do ano não há turismo, venho para cá. Mas o comércio, por conta própria, era aquilo que neste momento mais me agradaria fazer».

Apesar das opiniões serem diferentes em alguns aspectos, noutros acabam por ser comuns. Com efeito, preconceitos não existem, quanto ao tipo de trabalho que realizam. Ambas consideram-no tão digno, como qualquer outro.

Têm de facto muito de comum estas duas jovens trabalhadoras, filhas do mesmo pai, e que semanalmente, de manhã à noite, numa pequena oficina situada na rua 62, ali trabalham, ali almoçam, ali educam seus filhos.

Antenor Pereira

AGÊNCIA DE CONTRIBUINTES
CONTABILIDADE E CONTENCIOSO
MEDIADOR DE SEGUROS

Rua da Fonte - Silvalde — Tel. 723489 — ESPINHO

Vieira da Cruz

MÉDICO

CLÍNICA GERAL

Consultório:

Rua 31 n.º 321 - Tel. 724401

4500 ESPINHO

Casa MARRETA

Pedro da Silva Lopes

Especializada em:

Arroz de marisco, Lulas,
Enguias, Caldeiradas, Açorda
de peixe, Bons vinhos
RUA 2 N.º 1355 — ESPINHO
TELEF. 720091

Rui Abrantes

ADVOGADO

Rua 18 n.º 582-1.º Esq.
Sala 3

Telef. 723811 — ESPINHO

PARA COMPRAR BOM CAFÉ
Casa ALVES RIBEIRO

Torrefactor de Café

ESTABELECIMENTO DE VENDA AO PÚBLICO
RUA 19 N.º 294
ESPINHO

Manuel Correia
da Silva

(ADVOGADO)

Praça General Humberto Delgado, 287-4.º
Sala 46

Telefs. 23457 - 7641745
4000 PORTO

ALBUQUERQUE PINHO
FILOMENA MAIA GOMES

— ADVOGADOS —

ESCRITÓRIOS:

R. Júlio Dinis, 778-4.º Dto.
Telef. 698704 4000 PORTO

Rua 19 n.º 343-1.º — Tel. 722964
4508 ESPINHO

Milton C. Pinho
Glória C. Rodrigues

SOLICITADORES

RUA 28 N.º 583 - R/C
TELEF. 720584

O depoimento do Presidente da J. F. de Anta

Prosseguindo o nosso inquérito aos Presidentes das Juntas de Freguesia do nosso Concelho, publicamos hoje o depoimento do Presidente da J. F. de Anta, Fernando Fernandes.

Recordamos que as perguntas que pusemos a todos os nossos inquiridos foram as seguintes:

1. Quais são as principais carências com que se debate a sua Freguesia?
2. Que dificuldades prevê na resolução dessas carências?
3. Quais serão as principais linhas que orientarão a sua actividade?
4. Está nos planos dessa Junta sensibilizar a população dessa Freguesia para uma colaboração activa?

Postas as perguntas, passemos às respostas de Fernando Fernandes:

— X —

1. São inúmeras as carências existentes na freguesia de Anta, sendo, por isso, além de alguma ficar omissa, um pouco difícil classificá-las por ordem prioritária. No entanto, julgo poder indicar, prioritariamente, as maiores carências da freguesia, as quais, na minha opinião e supponho que da maioria da população, são as seguintes: alargamento do cemitério; construção da nova sede da Junta; criação de instalações para a prática desportiva; melhoramento dos pisos dos caminhos, principalmente daqueles que dão acesso aos maiores aglomerados populacionais; iluminação pública e reforço da respectiva rede eléctrica; melhorar serviço de higiene e limpeza; alargar rede escolar de ensino primário e pré-primário; e arborização de caminhos, largos ou jardins.

2. É evidente que esta Junta, à qual presido, vai deparar com grandes dificuldades na resolução de tais carências, dado que, *só por si*, não poderá solucionar algumas das principais carências, referidas no ponto 1 — ALARGAMENTO DO CEMITÉRIO, CONSTRUÇÃO DA SEDE DA JUNTA, INSTALAÇÕES DESPORTIVAS — considerando que não possui meios financeiros (agravados pelo não cumprimento da Lei das finanças locais), técnicos e jurídicos. Todavia, parece existir fortes esperanças, pelo menos em relação ao alargamento do cemitério e construção do parque desportivo de Cassufas, da Câmara prestar a sua melhor colaboração à resolução de algumas daquelas carências. Es-

pera-se que assim aconteça.

3. Embora seja já do conhecimento público, devo referir que apesar da lista por mim encabeçada — ALIANÇA POVO UNIDO — ter sido a mais votada, encontra-se na Junta na situação de minoritária, por força da aliança estabelecida entre o PS e o PSD, aquando da eleição pela Assembleia de Freguesia dos membros que deviam constituir o executivo. Perante tal situação, poderei admitir que o programa da ALIANÇA POVO UNIDO apresentado à população e a dinâmica que os seus elementos normalmente costumam dar ao seu cumprimento poderão vir a ser prejudicados, o que, em abono da verdade, até ao presente ainda não se verificou se se considerar que a maior parte do citado programa foi contemplado no plano de actividades de 1983, aprovado, por unanimidade, em sessão da Junta, de 12-2-82, o qual vai ser apreciado e, provavelmente, ratificado na próxima reunião da Assembleia de Freguesia que deverá ter lugar no mês de Março. Respondendo, concretamente, à pergunta formulada, devo dizer que as principais linhas que orientarão a minha actividade é somente pôr ao serviço das populações todo o meu esforço, apoiando todas as iniciativas que, sem demagogia, sejam levadas a efeito naquele sentido.

4. Tive já a oportunidade de, publicamente, dizer que é extremamente difícil resolver os problemas da população sem a sua directa colaboração, pois seja qual for o trabalho que se realize ou venha a realizar numa autarquia, este só poderá ser frutuoso se se alicerçar numa ampla acção colectiva.

Assim sendo, tal colaboração só se conseguirá, na minha perspectiva e supponho de mais alguém, se os autarcas eleitos não desmerecerem a confiança que lhes foi dada pela população, através do voto, dialogando com ela, ouvindo as suas opiniões e deliberando sempre no sentido de resolver os seus problemas.

assembleia municipal

Casas clandestinas mais uma vez na berlinda

Esta sessão da Assembleia Municipal começou num dia estranho para acabar num dia normal. Dia estranho, dizemos, por ter sido na passada 2.ª feira. Dia normal de encerrar (ou continuar) por tal facto ter ficado marcado para amanhã, 6.ª feira. Mas, na passada 2.ª feira, os deputados municipais estiveram, por assim dizer, num «período de aquecimento» que durou tanto... que nem permitiu que se entrasse no Ordem de Trabalhos.

DE TUDO UM POUCO...

O estranho facto da marcação desta Sessão para uma segunda-feira foi justificado por razões que se prenderam com a efectivação, durante o fim de semana antecedente, de Congressos ou reuniões de Partidos com representação na AM. O público que costuma estar presente a estas sessões foi lembrado por Alberto Alves (PS/UEDS) que pediu melhores condições para os que, de pé, aí «aguentam» várias horas. Jorge Carvalho (APU) propôs um novo posicionamento dos deputados municipais no Salão Nobre da CME, conformemente ao seu posicionamento ideológico — a APU à esquerda, seguida do PS/UEDS, PSD e CDS. A proposta foi aprovada por unanimidade. O Partido Socialista, através da sua Comissão de Freguesia de Paramos, chamou a atenção da CME no sentido de

se manter atenta à propalada ideia do ex-FFH de reservar 30 casas construídas naquela freguesia, em prejuízo dos moradores de Paramos, designadamente do Bairro da Pinha...

O falecimento de Veiga Ribeiro, ex-comandante dos Bombeiros Voluntários de Espinho e vereador da primeira Câmara democraticamente eleita, foi objecto de um voto de pesar da Assembleia — apresentado pelo deputado socialista Alberto Alves — e por outro voto de louvor, da autoria de Moreira de Sousa (CDS). Ambos foram aprovados por unanimidade.

A questão da fraca intensidade da corrente eléctrica, ultimamente sentida em Espinho, e o facto das já insuficientes instalações da nova Escola Preparatória, foram objecto de duas intervenções, à maneira de chamada de atenção, de Rosa Maria Albernaz. Iguamente da bancada socialista surgiu, pela voz

de Madureira Gil, o alerta para a necessidade da eleição de deputados à Assembleia Distrital. Quanto a este ponto os dois representantes espinhenses serão o Presidente da AM, Ferreira de Campos (por inerência do cargo) e o Presidente da JF de Gutim, Joaquim Sá, o mais votado dos Presidentes das Juntas de Freguesia.

AS CASAS CLANDESTINAS...

Foi este o momento mais «vibrante» desta sessão-prólogo. Fernando Fernandes, Presidente da JF de Anta, levantou o problema «*que até ao momento não tem tido solução*» e, a propósito disso, fez duas recomendações: 1.ª — Que a Câmara tenha dois vereadores a tempo inteiro; 2.ª — que um dos dois trate especificamente do caso das construções clandestinas. Antes da votação Artur Bártolo deu a entender que, em sua opinião, um vereador exclusivamente vocacionado para o sector «clandestinas», nada resolveria sem o apoio da Reparação Técnica da CME. Depois, a primeira recomendação de Fernando Fernandes foi aprovada com 15 votos a favor (APU-PSD), 13 contra (PS-CDS) e 7 abstenções. Quanto à segunda, o seu destino foi diferente: rejeitada com 14 votos contra, 11 a favor e 10 abstenções.

A concluir, Domingos Bastos, do PSD, insurgiu-se contra a demora por parte dos Serviços Municipalizados na reparação de uma avaria no Posto de Transformação da rua 10, e perguntou a quem cabe a responsabilidade pela construção do barracão de chapa a norte da Avenida 8. Antenor Pereira (PS) chamou a atenção para o estado de imundície em que se encontra a Estrada do Souto, em Silvalde, em boa parte devido a detritos de fábricas que aí são depositados, sem tratamento.

Sexta-feira, a sessão continua.

reunião da câmara

I. P. do Património Cultural «avisa»: «S. Pedro pode não ser demolido...»

A reunião da passada semana da edilidade local foi recheada de motivos de interesse.

Para começar este relato diremos que afinal o velho S. Pedro ainda não vai desta vez. Um ofício chegado à Câmara, oriundo do Instituto Português do Património Cultural, alerta para o facto de este edifício poder estar abrangido pelo estipulado no artigo 27.º do Decreto Lei 20985, de 7 de Março, que prevê que este imóvel seja considerado de interesse público. Ainda quanto a decisões finais e conforme o Decreto Lei 1/78 e por força do Decreto Regulamentar 34/80 de 2 de Agosto a última palavra caberá a esta instituição, depois de apreciado o parecer do Conselho Superior das Belas Artes.

Por outro lado, os moradores do Bairro Pré-Fabricado da Marinha de Silvalde solicitam a apreciação da Câmara para o estado de degradação em que se encontra este bairro.

Entretanto, a Direcção Geral de Divulgação pôs ao dispor da Câmara a partir de 1 de Março das colecções de livros solicitadas. Para além destas, serão contempladas a Santa Casa da Misericórdia, e o Grupo de Estudos para a Defesa do Ambiente e Património Cultural.

Por seu turno, a Santa Casa da Misericórdia pediu uma audiência à edilidade com vista a expor alguns dos seus problemas. A Câmara aceitou o pedido recebendo-a oportunamente.

Uma nova fase de obras em-

preendidas pelos TLP, com vista à colocação de cabos subterrâneos nos lugares do Juncal, Esmojães, rua 19 e 33. Mais buracos que ficarão por tapar?

A delegação parlamentar comunista que visitou o nosso concelho, foi recebida pela vereação com quem trocou impressões sobre os problemas candentes no nosso concelho.

E a terminar esta crónica, a novidade que esta reunião nos dá é a proposta que o vereador do Turismo apresentou e que mereceu a aprovação do executivo. Tal proposta, prevê, logo que termine a concessão de exploração do restaurante Onda, seja transformada em sala de exposições permanentes.

Enfim, foi mais uma reunião privada.

Rubi

Relojoaria — Ourivesaria

Ivo dos Santos Coelho

Rua 23 n.º 360 - Tel. 720592
ESPINHO

CONFETARIA



Pá velha

Especialidades regionais — Pastelaria sempre fresca

Ângulo das ruas 20 e 23 - Telef. 722514 - ESPINHO

MODAS MENDES

LANIFÍCIOS
MODAS — CAMISARIA

R. 16 n.º 683 - Tel. 720168

ESPINHO

A Nova de Espinho

TINTURARIA e LAVANDARIA

Lavados a seco com rapidez
Tintos em todas as cores
LUTOS RÁPIDOS em 24 h.

R. 22 n.º 495 - Tel. 721074
ESPINHO

Agostinho Pedrosa

MÉDICO PEDIATRA

Marcação a partir das 15 horas
às 2.ª, 3.ª, 5.ª e 6.ª feira

Consultório — Rua 19, 343, Sala B
Telefone 722713 — ESPINHO

Residência — Brito - P. da Granja
Telefone 7620795 — V. N. GAIA

S. PAIO DE OLEIROS

Participar - um dever de todos

No próximo sábado, 5 de Março, pelas 20,30 horas, realizar-se-á, na Casa da Cultura, a segunda sessão da Assembleia da Freguesia de S. Paio de Oleiros, para analisar, entre outros assuntos, o plano de actividades da Junta e aprovar o regimento da mesma assembleia.

Iniciam-se assim as grandes decisões de um novo mandato. Irão elas corresponder à expectativa dos oleiros?

Mal pôde o Executivo sobraçar a pasta e já a impaciência de muitos, aguilhada por anos de espera, começa a perguntar para quando a solução dos seus problemas mais prementes. E ouvem-se críticas por todo o lado e a todo o momento. O que as pessoas querem é ver os seus problemas resolvidos: o lago que se forma à sua porta quando chove; as valetas que não foram limpas na sua rua, mas que o foram noutras; os detritos que são vazados no seu lugar...

Alguns foram votar, elegeram os seus autarcas, mas não fazem ideia sequer de quem elegeram. Delegaram neles as decisões, mas desconhecem se eles as tomam correctamente, quem as propõe, quem as defende, como funciona uma assembleia. Virá um novo mandato, sucederão a estes outros

autarcas e será de novo aquele caminhar às apalpadelas entre artigos da legislação ou verbas orçamentais. Pensa-se poder delegar eternamente nos outros — sejam eles quem forem, o que importa é que alguns ingénios caiam nisso — os nossos próprios problemas. O que não se delega é a crítica, mesmo divorciada das realidades, e que constitui aquela vaga possibilidade de cada um ser também político, nem que seja só às vezes ou só no café.

Isso é bem pouco, porém. Será necessário participar mais activamente e mais de perto nas decisões a tomar. As sessões da Assembleia de Freguesia são uma óptima oportunidade para se ver e ouvir e intervir nos momentos próprios e ainda para se aprender que há outras posições, por vezes diferentes das nossas, mas também válidas, quantas vezes mais exequíveis. Deixaremos de ser uma eterna oposição sem critérios e, a partir daí, as nossas críticas deixarão de o ser para se transformarem em contributo, em acto, até mesmo em obra.

Sábado, 5 de Março, às 20,30 horas, na Casa da Cultura de S. Paio de Oleiros — um momento e um lugar para cidadãos que se querem úteis e esclarecidos.

S. FÉLIX DA MARINHA

Ainda o trânsito e não só...

Na passada semana ocorreram dois acidentes, com intervalo de apenas dois dias, junto à passagem de nível a norte da estação da Granja. Do primeiro resultaram um morto e dois feridos graves, do segundo um ferido com gravidade.

Em conversa informal, a guarda da passagem de nível referia, num misto de preocupação e revolta, os perigos a que peões, ciclistas e automobilistas estão irremediavelmente condenados, pelo menos para já. «Olhe, senhor, isto aqui é todos os dias» lamentava.

Há poucos meses nestas mesmas páginas alertámos para os problemas do trânsito na estrada da Granja. A inexistência de passeios, a estreiteza da faixa de rodagem, o mau estado do piso e o desrespeito pelo limite recomendado de velocidade, tudo concorrem para a possibilidade e frequência de acidente.

Não há espaço em que os peões circulem com segurança ou possam atravessar nas me-

lhores condições. A passeadeira, única, em frente à estação, além de insuficiente pouco mais valor tem que uma pintura no asfalto. Em certos locais, quando dois veículos pesados se cruzam pouco ou nada fica para peões e ciclistas. O piso tem sido frequentemente maltratado.

Todos sabemos que rua onde tenha feito incisão o bisturi da escavadora herda para sempre uma cicatriz que banhos de sol ou chuva e massagens constantes dos veículos não conseguem apagar, antes frequentemente agravam. Em geral, as obras na faixa de rodagem são confiadas não a equipas de cirurgiões experimentados mas a equipas de segunda categoria onde dominam aprendizagens ou estagiários.

Dada a importância e responsabilidade dessas reparações bom seria que fossem executadas por equipas categorizadas e sobre elas se exercesse fiscalização rigorosa.

Não se curam feridas profundas com pinceladas displi-

centes e apressadas de alcatrão ou pensos rápidos de terra, areia ou cimento.

Por que não colocar, quer na zona de Brito quer próximo da Aguda, painéis prevenindo para a possibilidade de acidente e recomendando moderação na velocidade, à semelhança do que acontece noutras localidades? A instalação de sinalização luminosa não viria eliminar os acidentes mas, parece-nos, diminuiria a sua ocorrência.

Vai-se aproximando a época de praia e um número elevadíssimo de peões e veículos movimentar-se-ão nesta zona. Sem pretendermos fazer futurologia, não será difícil nem utópico prever o aumento do número de acidentes.

Todos admiramos e nos sensibilizamos com as campanhas de prevenção rodoviária longe e pensadamente elaboradas no fôfo dos gabinetes ministeriais. Porém elas não terão plena eficiência se não se atender e resolver aspectos pontuais, aparentemente de menor importância.

MOSELOS

Cenas de pancadaria, álcool e miséria

O alcoolismo que enlouquece e invalida milhões de homens, tornando-os brutos, que converte milhares de lares em autênticos infernos, com terríveis consequências para mulheres e filhos, é lamentavelmente companhia frequente daqueles que são vítimas da miséria, da fome, do desemprego e da ignorância. Quase sempre o alcoolismo é sinónimo de uma sociedade injusta e opressora e os que se refugiam no álcool são sempre aqueles que vivem nas piores condições, sem trabalho, sem habitação digna e com uma grande quantidade de filhos. A situação agrava-se quando a vítima do álcool «descarrega» a sua raiva e a sua revolta no corpo da mulher e dos filhos. Foi o que aconteceu no passado dia 22 de Fevereiro, cerca da 1 hora da manhã: os moradores do lugar de Meladas foram acordados pelos gritos de crianças pedindo socorro. De machado em punho o Zé Nunes, casado, pai de 5

filhos com idades compreendidas entre os 2 e os 12 anos, que vive num barraco sem condições, onde a fome e a miséria é o que mais abunda, ameaçava matar toda a gente. Estava bêbedo como era frequente.

Os vizinhos intervieram tentando pôr termo à situação, o que só foi possível com o apoio da GNR. O responsável foi detido e a situação acalmou, entretanto já se tinha passado a noite e com ela o descanso, a que todos aqueles que trabalham têm direito.

Tudo voltará ao normal. O Zé voltará a procurar a solução para os seus problemas no fundo de um copo de vinho, a afogar a sua miséria e a sua sorte. «P... de vida...»

O tempo passa e a sociedade é injusta. Mas vale a pena a luta. É possível uma sociedade melhor.

É necessário acreditar que o amanhã virá se nós quisermos e lutarmos por ele.

LOPES DA CRUZ

Pagos 6 meses de salários enquanto o fim se aproxima (?)

continuação da página 8

o empréstimo necessário à aquisição de uma câmara frigorífica.

E o futuro?

Mas porque é que a gestão dos trabalhadores não teve continuidade e se verificou o regresso do patrão? Segundo conseguimos apurar, houve um conjunto de factores que para isso contribuíram. Senão vejamos, a situação política que nesta altura não facilitava de forma nenhuma a acção dos trabalhadores, não houve uma dinamização eficaz no sector das vendas e a Comissão de Trabalhadores os gestores entraram em total dessintonia.

Não obstante todas estas mudanças, a fábrica foi trabalhando. Mas os problemas começaram a surgir. Começa-se a verificar uma série de ilegalidades; dois exemplos: Em meados de 81, quando a empresa já não pagava salários, uma solução adoptada, «foi a cedência, a quase todas as mulheres, de latas de conserva que havia em armazém para as venderem e irem arranjando algum para o seu sustento, enquanto não se pagavam os salários... mas a administração acabou com esta prática, porque parece que arranjou uma encomenda para as conservas». Outra: «Geralmente, os embarques de encomendas que fazemos vinham dando para nos pagarem os salários. Mas em Dezembro (1980) houve um para a Zâmbia, que valeu cerca de 3.800 contos, e que pensamos que daria para nos pagar o 13.º mês. Soubemos que o dinheiro entrou, mas não nos pagaram nem nunca disseram em que foi aplicado...»

Em face de tudo isto, interrogamo-nos sobre o empenho da entidade patronal em garantir a sobrevivência da fábrica. Senão vejamos uma série de questões, já por nós tornadas públicas em 30/7/81, e que passamos a resumir. 1.º A firma «Lopes da Cruz», detém uma fábrica em Portimão que se encontra encerrada, e uma outra em Matosinhos que, na altura, estava à venda. Esta situação contrastava com a estabelecida do res-

tante sector de conservas. 2.º O eng.º Lopes Amorim era então o administrador da empresa, embora a maior parte do seu tempo lhe seja tomado pela sua actividade de professor numa escola e pela sua empresa de construção civil. 3.º O mesmo eng. Lopes Amorim apresentou por duas vezes à Câmara de Espinho um projecto de estruturas turísticas no local onde funciona a fábrica, que acabou por ser indefinido.

Entretanto e para não nos perdemos em factos de todos já conhecidos (e também porque as causas da situação a que a fábrica chegou estão bem claras nos que atrás dissemos) damos um salto no tempo, até Maio de 82, altura em que se registou uma paralisação para pressionar a entidade patronal a pagar os salários. Em resposta, o patrão, eng. Lopes Amorim constantemente ausente, adianta que o dinheiro obtido com a transacção de uma outra fábrica (de Portimão) será canalizado para o pagamento dos salários em atraso. Esta promessa vem sendo feita desde Janeiro do mesmo ano. Por esta altura, uma delegação de trabalhadores tem uma audiência com o Secretário de Estado das Pescas, com a presença do então presidente da Câmara, José Fonseca. Aquele membro do governo promete o seu empenho para que o assunto se resolva e seja concedido um empréstimo ao proprietário da fábrica para o pagamento dos salários. A situação vai-se arrastando e o dinheiro continua a não chegar.

E é em plena campanha eleitoral para as eleições Autárquicas de 12 de Dezembro que se fala em 27 mil contos, provenientes da Secretaria de Estado das Pescas, para pagamento dos salários e para repor a fábrica em laboração. A «boa nova» vem de José Fonseca, candidato à presidência da Câmara de Espinho, num dos comícios do seu partido.

Uma jogada política que apesar de ter todo o empenho do candidato do PSD não produziu os resultados desejados, já

que este acabou também por ser «enganado» pelas promessas do Secretário de Estado. Nem o dinheiro veio antes das eleições, conforme prometido, nem José Fonseca veio a ser eleito Presidente.

Em 20/1/83 é anunciado pelo nosso Jornal e segundo fotocópia, que veio ter à nossa redacção, de uma informação do Gabinete do Secretário de Estado das Pescas datada de 13 de Janeiro à empresa Lopes da Cruz em que se dizia que «por despacho de sua Excelência o Secretário de Estado do Emprego, de hoje (13 de Janeiro), foi autorizado a financiamento de Esc.: 18.000.000\$00, destinado à manutenção de postos de trabalho e salários em atraso».

Porém o dinheiro só veio já quase no final de Fevereiro. Destes 18 mil contos apenas 7400 contos foram para pagar os salários das trabalhadoras, o que equivale a 6 meses ou seja de Abril a Setembro de 82. O restante será em princípio para que a fábrica recomece a trabalhar. Contudo várias questões se podem desde já colocar, mesmo que não se considere como facto consumado a próxima venda da fábrica, o que julgamos ser pouco provável.

Segundo informações por nós obtidas, neste momento, para que se encha um contentor, são necessárias 1100 caixas de 100 latas cada uma. Só neste material se gasta no mínimo, 860 contos. Depois há o óleo para fazer o molho, continuamos a ter como base um contentor, e que vai custar à volta de 590 contos. E o peixe? Peixe congelado dificilmente poderá adquirir. Resta-lhe o peixe fresco que não comprará por menos de 560 contos. Temos ainda que ter em conta os encargos para a saída do peixe da fábrica. Que mercados se vão procurar, se a empresa está há tanto tempo parada?

Julgamos que com este panorama nada animador a história da fábrica Lopes da Cruz de Espinho será curta.

Esperemos que assim não seja.

Talho e Charcutaria
CENTRAL

Joaquim F. Nogueira da Fonseca
(RAIMUNDO)

BOAS CARNES — SERVIR BEM
Rua 15 n.º 268 — ESPINHO
Tel. 721929

VISTA OS SEUS FILHOS
NA

BOUTIQUE MI

Rua 62 n.º 113 - ESPINHO

CLÍNICA GERAL

J. Pinheiro de Moraes

RUA 20 N.º 300

TELEF. 720452

Pinto de Matos

MEDICO ESPECIALISTA
Doenças dos Ossos — Articulações

2.ª FEIRAS:
Consultas para Crianças

4.ª E 6.ª FEIRAS:
Consultas para Adultos

Rua 19 n.º 364 - 1.ª — Telef. 721218
ESPINHO

Três perguntas para SALVADOR

Salvador Luís de Almeida nasceu no Rio de Janeiro em 1949. Veio para Portugal na época de 72/73, tendo ingressado no Boavista, clube de onde transitou para o Sporting na época de 79/80. Em 81/82 assina um contrato por duas épocas no Sporting de Espinho, clube que tem representado com aquela garra e saber jogar que todos lhe reconhecem. Mas a vida de um profissional de futebol tem momentos particularmente difíceis. São as lesões!

Salvador encontra-se neste momento a contas com uma aborrecida lesão. Em contacto telefónico com o Hospital de Santa Maria, onde se encontra internado o futebolista espinhense, conversámos um pouco com ele. «Estou a convalescer de uma operação que o dr. Espergueira Mendes me fez, a um

menisco. São coisas que acontecem...» Quisemos saber por quanto tempo irá ficar parado Salvador: *Penso que por um mês e meio, dois meses, no máximo...* Portanto, ainda estará apto a dar o seu concurso à equipa na fase final do Campeonato, fase que, no entender de Salvador *«vai ser muito difícil isto devido ao facto de termos um plantel muito reduzido, do qual muitos jogadores se encontram presentemente lesionados. Então, pois, de recuperar o mais rápido possível... Estou, no entanto, confiante de que o SCE se manterá na Primeira Divisão!»*

Entretanto, o azar continua a perseguir os «tigres». Depois de Salvador também Pinto da Rocha foi operado. É caso para dizer que um azar nunca vem só...

RESULTADOS DA SEMANA

Fim-de-semana sem grandes surpresas, no plano desportivo espinhense, no que respeita às modalidades que normalmente constam deste nosso placar de resultados. Únicas saliências de tomo para a equipa feminina de voleibol do SCE que foi a Matosinhos perder com o Leixões, mas por um tangencial 3-2, e para a derrota em casa do SCE, face à Ac. S. Mamede.

ANDEBOL

Divisão de Honra — Fase Final
SCE, 18 — Académica de S. Mamede, 23

HÓQUEI EM CAMPO

Devido a dificuldades surgidas na cedência do Campo do Grijó, a AAE viu-se impedida de disputar os encontros de Reservas e Primeiras com o Desp. do Viso. Por isso, os jogos ficaram adiados para data a designar.

HÓQUEI EM PATINS

Nacional da 2.ª divisão — Régua, 6 — AAE, 12
Juvenis — Fase Final — AAE, 3 — FC Porto, 3
Juniores — Seia, 4 — AAE, 7

VOLEIBOL

1.ª divisão nacional — F. de Holanda, 1 — SCE, 3
Grundig, 3 — AAE, 2
SCE, 2 — Ac. S. Mamede, 3
AAE, 0 — FC Porto, 3
Juvenis — SCE, 3 — Colégio Santa Isabel, 0
AAE, 2 — Colégio dos Carvalhos, 3
Feminino — Leixões, 3 — SCE, 2
Juniores — Esmoriz, 2 — SCE, 3
Iniciados — AAE, 1 — Leixões, 3

Casa especializada em artigos para Noivas

Acompanhantes, Comunhões, Lingerie e Pré-Mamã

ESPOSABELA

Rua 12 n.º 589 — Telef. 724203 — ESPINHO

CAN - CAN II

BOITE PIANO BAR
DISCOTECA

O seu ponto de encontro

Bastante requinte para que se sinta bem, durante o seu Drink.

Aberto de 2.ª a 6.ª feira, das 21 às 02 horas
e às 6.ª feiras das 21 às 03 horas.

RUA 18 N.º 615 — TELEF. 723442 — ESPINHO

RIO AVE, 3 - ESPINHO, 2

Então essa defesa?!

Pois é, Mendes, Vivas, Balacó e Raul. O que se passou convosco no domingo passado? Onde esteve aquele bloco coeso a que os adeptos espinhenses estão habituados? No Campo da Avenida (em Vila do Conde, entenda-se) é que não... Mas valha-nos o velho ditado, «uma vez não são vezes», e daqui fazemos votos para que tal «cena» não se volte a repetir...

Quanto ao resto (resultado incluído), tudo bem. Um jogo emotivo, a que não faltou o «sal» dos golos, com os «tigres» inconformados sempre a procurar o empate que seria um bom resultado para as hostes espinhenses. Não pôde ser, paciência! O que interessa é não esmorecer e «preparar as coisas» para ganhar, no domingo, em S. João da Madeira, ao Amora.

É que tem de ser mesmo para os dois pontos, não é verdade? Se não, e sem querermos ser pessimistas, as coisas podem começar a complicar-se, e isso é coisa que ninguém cá pela terra quer... Até porque, no domingo passado, o «salgueiral amigo» foi ganhar a Guimarães, o Marítimo «aviou» o Setúbal, e o Amora «despachou» o Braga. Por isso...

Vamos, a concluir, aos nomes dos figurantes neste Rio Ave-Espinho: Sob a arbitragem de Pedro Quaresma, ex Lisboa, o SCE alinhou com: Mendes; Vivas, Balacó, Serra e Raul; João Carlos (David, aos 60 m), Carvalho e Dinis; Moinhos (Móia, aos 60 m), Bábá e Victorino.

Pelo Espinho marcaram João Carlos e David.

ATLETISMO

SCE em bom plano nos Regionais de Corta-Mato

Nos regionais de corta-mato da Associação de Atletismo do Porto, os atletas do SCE estiveram em bom plano (embora pudessem ter feito melhor) principalmente através de António Natário (vice-campeão), Manuel Brito e Augusto Rachão, nas categorias de juvenis, juniores e seniores, respectivamente.

Eis as classificações:

JUVENIS — 5000 mts.

2.º António Natário; 10.º João Almeida; 17.º António Silva;

26.º José Sá; 33.º José Brito.
Por equipas: 2.º SCE

JUNIORES — 8000 mts.

6.º Manuel Brito; 12.º José Ribeiro; 14.º António Ribeiro; 15.º António Dias; 19.º João Oliveira.
Por equipas: 3.º SCE

SENIORES — 12000 mts.

14.º Augusto Rachão; 34.º Fernando Feliciano; 41.º Albino Castro 46.º António Leite.

Serviços Municipalizados de Electricidade, Água e Saneamento da Câmara Municipal de Espinho

Concurso público para arrematação da empreitada de construção do emissário da Ribeira de Silvalde 2.ª fase, em Espinho.

Preço base 986 261\$00

Caução provisória 24 656\$50

Alvará exigido — V categoria ou 4.ª subcategoria da 5.ª categoria e classe correspondente ao valor da proposta.

Local, dia e hora limite para entrega das propostas — sede dos Serviços Municipalizados, no rua 30 esquina da 23, em Espinho, até 20 dias após a publicação deste anúncio no Diário da República às 17 h.

Local, dia e hora do acto público do concurso — no sede dos Serviços Municipalizados, na primeira reunião do Conselho de Administração que se seguir ao termo do prazo indicado, às 10.30 h.

Local, dia e hora para exame do processo — na sede dos Serviços Municipalizados, na morada referida, nas horas normais de funcionamento.

Serviços Municipalizados de Electricidade, água e saneamento de Espinho, em 23 de Fevereiro de 1983.

O Presidente do Conselho de Administração
Artur Pereira Bártolo

BANCADA DE IMPRENSA

Semana particularmente agitada nos meandros futebolísticos lusitanos, foi a passadal Tal como tínhamos dito na anterior «Bancada de Imprensa», o panorama futebolístico nacional andava (e ainda anda!) turvo e carente de uma «terapêutica» profunda. Um pequeno mas importante passo no sentido desse tratamento de choque talvez tenha sido dado no Estádio do Restelo, com a vitória inesperada de uma selecção nacional de recurso (?) sobre os vice-campeões mundiais da RFA. A nível de selecção aquele golão de Dito foi uma espécie de Aspirina que aliviou, por momentos, a enorme dor de cabeça que é o futebol português. Só que, tal como a Aspirina, o seu efeito é temporário, do género «incha-de-sincha e passa»...

Nem horas se tinham passado sobre o jogo, e já os vírus minavam de novo o tal desporto-rei... Dois presidentes de dois dos mais prestigiados clubes portugueses (Pinto da Costa e João Rocha) «troçavam galhardetes» verbais, com insultos mais ou menos diplomáticos à mistura: «invertebrado mentiroso» e outros mimos (do mesmo jaez foram palavras proferidas por quem, no mínimo, deveria ter uma dose, por pequena que fosse, de pudor, atendendo aos cargos de responsabilidade que ocupam no desporto nacional. Até quando? Será necessário descer até à estaca-zero para recomecer tudo? Será a «terra-queimada» que interessa ao futebol português?

Meus senhores! Não batam mais no ceguinho...

LEI Agência

Contribuintes — Contabilidade
Documentação Auto — Traduções
Seguros em todos os ramos

Choura de Cima - FIAES
Tel. 7643980

Igreja - SANGUEDO — Tel. 7641243
Rua 24 n.º 751 - Tel. 720431
4500 ESPINHO

RAICA

PRONTO A VESTIR

INSTITUTO DE BELEZA

Rua 62 n.º 101 - Tel. 722896
ESPINHO

No próximo número

Leia mais um
«SUPLEMENTO
DESPORTIVO»

CAMPISMO

REVALIDE A SUA CARTA CAMPISTA

ATÉ 30 ABRIL

Companheiro, habilite-se a uma viagem a PARIS ao RALLYE da FICC, a sortear pela FPCC entre as cartas revalidadas até 30 de Abril do corrente ano.

Contacte a Secretaria da «Nascente» de 2.ª a 6.ª das 15 às 19 horas.

SAUDAÇÕES CAMPISTAS

LOPES DA CRUZ:

Pagos 6 meses de salários enquanto o fim se aproxima (?)

Para mais facilmente se compreender o estado actual das coisas na Fábrica de Conservas Lopes da Cruz, com 148 trabalhadores dos quais 144 são mulheres, teremos necessariamente de fazer um pouco de história do processo que conduziu à total paralização das suas reais e potenciais capacidades de produção. E como o nosso jornal, mais do que qualquer outro, tem acompanhado a sua evolução, torna-se imperioso que se faça uma reflexão mais demorada e prolongada sobre o assunto até porque o futuro de quem ali trabalha não é nada animador se tivermos em conta o facto de a fábrica e respectivo recheio serem, no próximo dia 5 de Maio, postos em hasta pública tendo como base de licitação 70 mil contos acrescidos de 17 mil de dívidas à Previdência. Isto apesar de, no passado sábado, terem sido pagos 6 meses de salários atrasados e da fábrica ter recommençado a laborar.

Começando por ser uma simples fábrica de salga e conserva de sardinha, pertencente à firma Cirne & C.ª, a sua localização veio a chamar as atenções de duas famílias, já associadas em negócios anteriores, de seus nomes Brandão e Gomes. Assim nasceu a «Real Fábrica de Conservas, a Vapor, de Brandão, Gomes & C.ª», que levou o nome de Espinho a todo o mundo. Era então considerada a melhor fábrica de conservas da Península e para vermos a

sua grandeza bastará dizer que tinha tipografia e litografia próprias. Quando o telefone e a luz eléctrica vieram pela primeira vez para Espinho foi para servir a fábrica. Possuía ainda um cais privativo na rua 23, na Companhia Portuguesa dos Caminhos de Ferro onde era feito o embarque.

«Foi durante muitos anos o maior valor político de Espinho, não só pelo número de pessoal que empregava como pelos interesses que movimen-

tava». A criação do Concelho de Espinho estão também ligados os nomes dos seus sócios fundadores, sendo Augusto Gomes o seu primeiro Administrador e Henrique Brandão Presidente da Câmara.

Necessariamente que toda esta prosperidade tinha as suas razões e delas falava-nos, em 1977, um dos gestores da fábrica, na altura com os trabalhadores à frente dos seus desígnios. «Era devida, fundamentalmente, à abundância de peixe barato, à pouca concorrência que tinham por parte de outros países, à grande aceitação que tinham em todos os mercados e também à exploração desenfreada a que estavam

Uma manifestação

Para tudo o que fazemos, em tudo o que participamos, há necessariamente uma recompensa. E nesse contributo vê, contrapõe, a maior parte dos homens, o dinheiro. Por isso o dinheiro compra, não só o produto de consumo mas, e com vasta frequência, os valores morais de cada um. Mas... mais grave ainda, é quando se engana gente cujo único objectivo é trabalhar, viver uma vida cada vez melhor.

Vem isto a propósito de uma manifestação, talvez espontânea, não o sabemos, feita por trabalhadores da Lopes da Cruz que há mais de um ano não recebiam os seus justos (justos, repita-se) salários e vêem agora uma parte do seu (seu de pleno direito) dinheiro, e dirigida a um «político» da nossa praça. «Viva o sr. Fonseca», dizia o cartaz.

Mas perante isto importa referir: 1.º — Em nada se pode criticar ou condenar a alegria (sincera) de quem, depois de momentos verdadeiramente dolorosos, vê temporariamente a sua vida melhor. 2.º — Foi este pagamento um acto de caridade que todos que dele beneficiaram devem agradecer por «misericórdia», ou um acto de justiça? Claro está que, para aqueles que são minimamente esclarecidos, será forçosamente algo que nunca deveria ter sido posto em causa, e que depois de perdidas as esperanças conquistado com alguma luta e muito desespero, e não (como querem fazer crer) qualquer coisa que se fez por especial favor. 3.º — Estarão todos os problemas das actuais 144 trabalhadoras daquela empresa resolvidos, quando na maior parte dos casos o dinheiro só passará pela suas mãos no curto espaço de tempo entre o local onde o recebem e a casa de quem o devem?

Para concluir, só nos resta perguntar: foi feito algum esclarecimento às trabalhadoras sobre a próxima venda da fábrica e a manutenção futura dos seus postos de trabalho?... e afirmar: não se engane mais aquela gente.

Novos preços: De cotas da Nascente de assinaturas e publicidade

Num tempo em que tudo sobe, já não é de estranhar o que agora lhe dizemos. Cá pelos nossos lados as coisas também vão subir, a partir do início de Março. São, dum modo geral, subidas pequenas mas, infelizmente, necessárias. Vejamos então os novos preços:

COTAS E ASSINATURAS

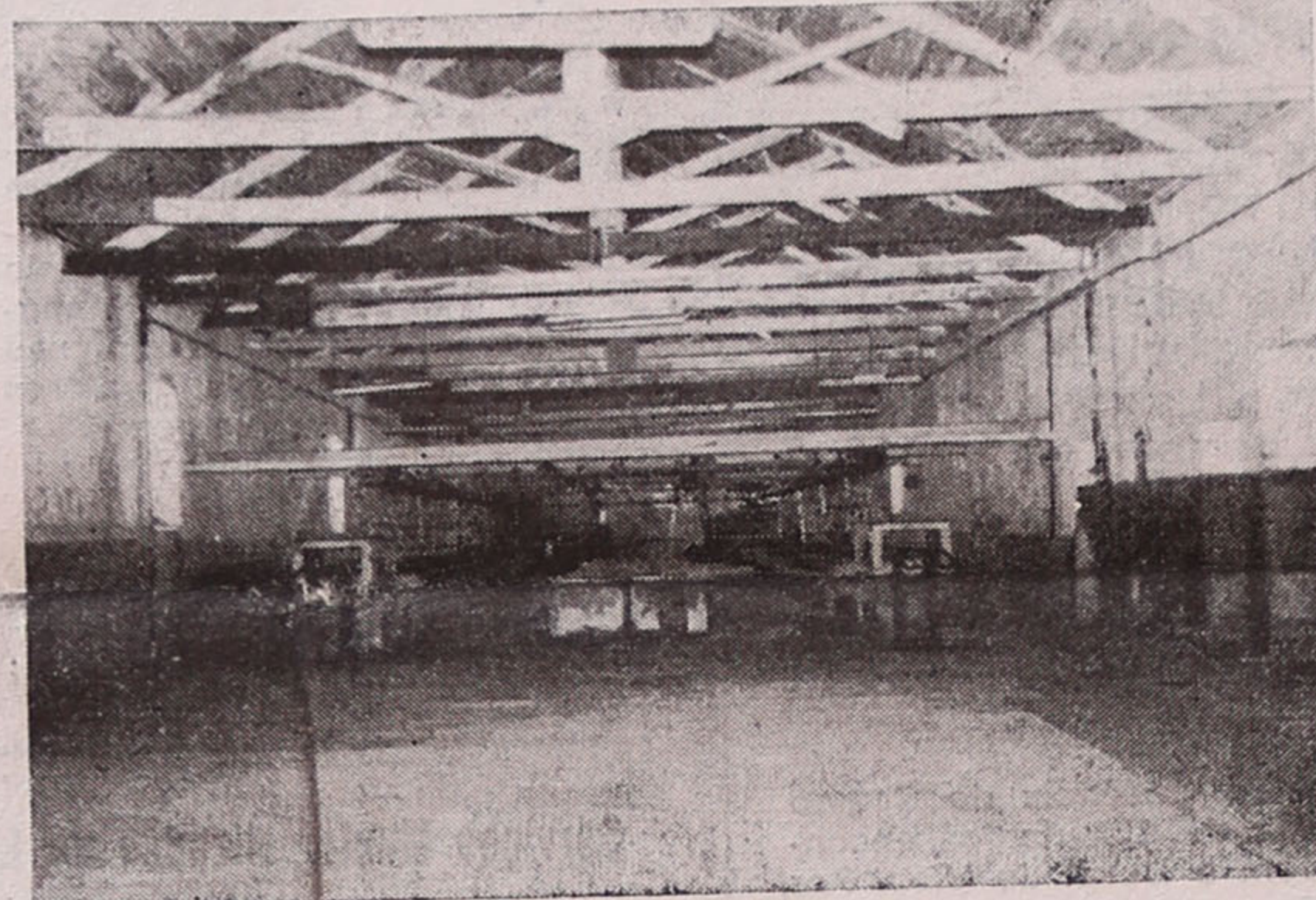
Sócios Assinantes do «MV»	—	50\$00 mensais
Não assinantes	—	30\$00
Sócios menores Assinantes	—	30\$00
Não assinantes	—	20\$00
Assinaturas do «MV» Anual	—	500\$00
Semestral	—	280\$00
Preço avulso do Maré Viva	—	12\$50

TABELA DE PUBLICIDADE

1/40 de página (aprox. 45x 40 mm.)	140\$00
1/20 » » (aprox. 95x 40 mm.)	280\$00
1/10 » » (aprox. 95x 85 mm.)	600\$00
3/20 » » (aprox. 145x 85 mm.)	1000\$00
9/40 » » (aprox. 145x135 mm.)	1600\$00
1/2 página (aprox. 245x180 mm.)	3500\$00
1 página (aprox. 245x360 mm.)	8000\$00
Preço por linha (corpo 8)	12\$50

Outros formatos serão calculados proporcionalmente à área.

Os preços referidos são acrescidos de 10% de Imposto de Publicidade.



submetidos os trabalhadores, sobretudo mulheres, sem garantia de emprego (quando não havia peixe na época de defeso eram mandadas simplesmente para casa) e auferindo salários muito baixos».

Porém, mais tarde, a falta de sardinha na costa de Espinho, a concorrência internacional que ia aumentando, o desinteresse dos industriais e a falta de apoio por parte das entidades governamentais, aliadas a questões de carácter familiar, levaram à desagregação desta firma, que chegou a ter no seu activo 480 trabalhadores, com a perda do seu alvará e uma penhora à Companhia de Seguros Garantia.

Entretanto em meados da década de 60 uma outra empresa, Lopes da Cruz, adquire o alvará para retomar o mesmo tipo de laboração embora em níveis de produção mais baixos.

A intervenção dos trabalhadores

Contudo a nova situação não

foi aquela que se poderia esperar. A firma Lopes da Cruz com quatro irmãos como principais accionistas, vai conhecer altos e baixos na sua situação económica. A gestão da fábrica de Espinho é entregue a familiares, alguns casos maridos das accionistas, cujas gerências se vão sucedendo por se mostrarem incapazes e alheados dos reais problemas da fábrica. A falta de apoio governamental e da banca são também uma constante. Chegamos a 1972 e, tal como a sua antecessora, a fábrica corre o risco de perder o alvará por não produzir. Não o perde mas a produção continua a ser praticamente nula. Há a promessa de um dos sócios de comprar a fábrica pondo-a de novo a funcionar em pleno. Porém, após o 25 de Abril, acaba por abandonar conseguindo ainda vender algum material ali existente. Perante tal facto os trabalhadores intervêm chamando dois gestores da sua confiança que com a aprovação dos sócios e aceitação da banca são nomeados gerentes. Estamos em Março de 1975 e a situação era

esta: 1.º O então gerente, Sr. Oliveira Marques que detinha 25% do capital, tinha já a sua própria empresa e não mostrava grandes preocupações em assegurar a gestão da fábrica de Espinho. 2.º A situação era de tal modo preocupante e a produção tão insignificante que o alvará corria o perigo de se extinguir. 3.º O sr. Oliveira Marques que se havia comprometido a adquirir o alvará não o fez. 4.º Se o sr. Oliveira Marques não assumisse as suas responsabilidades, o BPA, que era então praticamente o único credor da empresa, nada mais teria a fazer do que reclamar as existências e fechar a fábrica. 5.º Os então 100 trabalhadores viam o desemprego iminente, se não fossem tomadas medidas urgentes. E foi o que sucedeu.

Alertados para o facto do sr. Marques tencionar abandonar a fábrica, contactaram com a Administração do BPA, depois de serem recebidos pela sua Comissão de trabalhadores, onde se chegou facilmente a acordo.

Com o apoio indispensável da banca, a fábrica recomeçou a trabalhar (com dívidas e juros a pagar) com algumas limitações. «Faltava uma boa câmara frigorífica, capaz de armazenar o peixe suficiente para nos permitir trabalhar continuamente, sem termos que estar a ir comprar constantemente o peixe à lota, arriscando-nos a não conseguir ou a recebê-lo tarde e a más horas», dizia um dos gestores em 1977 ao nosso jornal. A opinião era unânime nesta altura. Maiores índices de produção se conseguiriam (os já conseguidos permitiram saldar as dívidas e pagar os salários aos trabalhadores na altura própria) e, criavam-se novos postos de trabalho se houvesse mais apoio da Secretaria das Pescas e se a banca tivesse concedido

continua na página 6

Maré Viva

ESPINHO

PORTE
PAGO



Câmara Municipal de
ESPINHO

Desde o passado dia 1, para os portugueses falar ao telefone é mais caro e escrever idem, idem. Também — perguntarão alguns — o que é que não sobe, hoje em dia? Chegou agora a vez de, novamente, os CTT e os TLP nos «brindarem» com estes aumentos. É a ordem «natural» das coisas.

Só o que não é natural é que os Correios continuem a negar soluções válidas para o caso de Espinho, no que respeita ao problema das suas instalações nesta cidade. Mais ainda: correm rumores de que a estação central existente vai encerrar temporariamente para beneficiações, sendo entretanto todo o serviço feito em instalações provisórias, alugadas para o efeito. Significará isto o definitivo «arrumar na prateleira» do projecto da nova Estação?

Sinceramente, esperamos que não.

o fechar